








ARTIGO ORIGINAL

O entrelaçar entre o presente e o passado: relatos de mulheres sobre violência*

The intertwining of the present and the past: accounts of women about violence*

HIGHLIGHTS

1. Mulheres vivenciam múltiplas formas de violência.
2. A violência, quando presente, é reproduzida no contexto familiar.
3. O ciclo violento gera impactos físicos, emocionais e sociais.
4. A vivência da violência deixa marcas profundas e permanentes.

Sonia Silva Marcon¹ 
Mariana Enumo Balestre¹ 
Maria Eduarda Pascoaloto da Silva¹ 
Vitoria Vasconcelos Logullo¹ 
Ana Flávia da Silva Izepato¹ 
Rayane Freitas da Costa² 
Eloah Boska Mantovani¹ 

RESUMO

Objetivo: Apreender como mulheres em situação de violência percebem as implicações deste contexto em suas vidas. **Método:** Pesquisa qualitativa que utilizou como referencial teórico-metodológico o Interacionismo Simbólico e a Teoria Fundamentada nos Dados, vertente construtivista. Os dados foram coletados entre março e novembro de 2021, mediante entrevista com 23 mulheres localizadas em grupos na rede social Facebook®. **Resultados:** Os resultados mostram as múltiplas expressões da violência doméstica (agressões físicas, psicológicas, cerceamento da liberdade) e a repetição de padrões comportamentais já experienciados na infância, que muitas vezes justificam práticas violentas na vida adulta. **Considerações Finais:** Para muitas mulheres, viver em um contexto de violência doméstica pelo companheiro é uma reprodução do que já experienciaram na família de origem. Apesar de terem conseguido sair do ciclo da violência, as vítimas vivenciam, dia após dia, as repercussões desta experiência, expressas por sentimentos de medo, angústia, além de doenças de cunho físico e mental.

DESCRITORES: Teoria Fundamentada; Acontecimentos que Mudam a Vida; Violência Doméstica; Relações Familiares; Saúde da Mulher.

COMO REFERENCIAR ESTE ARTIGO:

Marcon SS, Balestre ME, da Silva MEP, Logullo VV, Izepato AFS, da Costa RF, et al. O entrelaçar entre o presente e o passado: relatos de mulheres sobre violência. Cogitare Enferm [Internet]. 2025 [cited "insert year, month and day"];30:e100994pt. Available from: <https://doi.org/10.1590/ce.v30i0.100994pt>

¹Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Maringá, PR, Brasil.

²Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Enfermagem, Maringá, PR, Brasil.

INTRODUÇÃO

A violência doméstica (VD) é considerada um fenômeno de alta complexidade, não só pelas múltiplas formas de sua expressão, mas também por sua elevada prevalência e diversidade de fatores associados à sua ocorrência¹. Embora pessoas de qualquer idade possam encontrar-se em situação de VD, as mulheres são apontadas ao redor do mundo como as vítimas mais frequentes. Impactos físicos, emocionais, sociais e econômicos são identificados na vida de milhares de mulheres ao redor do mundo¹.

No Brasil, desde a promulgação da Lei Maria da Penha em 2006, a VD e familiar contra a mulher engloba cinco tipos distintos de violência, de forma isolada ou associada: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral². A violência por parceiro íntimo, por exemplo, afeta cerca de 47,2 % das mulheres ao longo da vida, sendo a violência psicológica a mais prevalente (51,5 %), seguida da física (20,2 %), sexual (11,5 %) e econômica (9,8 %), podendo ocorrer isoladamente ou em ciclos prolongados³.

Nas Américas, uma em cada três mulheres e meninas entre 15 e 49 anos sofre violência física e/ou sexual ao longo da vida. A violência sexual, em especial, é um grave problema de saúde pública, com impactos físicos, mentais e reprodutivos duradouros, como maior risco de infecções sexualmente transmissíveis, como o HIV, que podem persistir mesmo após o fim dos abusos⁴.

Estudo realizado em uma amostra de 1042 mulheres residentes em 126 municípios de diferentes portes populacionais, distribuídos nas cinco regiões do Brasil, revelou que 24,4% delas relataram ter sofrido algum tipo de violência no período anterior ao da entrevista. A maior incidência ocorreu entre jovens de 16 a 24 anos (35,2%), seguida por mulheres de 25 a 34 anos (28,6%) e, em menor proporção, entre aquelas com 60 anos ou mais (14,1%). Em 72,8% dos casos, o agressor era o companheiro⁵. Esse tipo de violência foi responsável pela perda de 175 mil DALYs (Anos de Vida Ajustados por Incapacidade) e mais de 80 mil anos potenciais de vida perdidos, confirmando seu impacto crônico e incapacitante na saúde das brasileiras⁶.

A VD contra a mulher está enraizada em construções sociais de gênero que perpetuam relações desiguais de poder. Em sociedades patriarcais, o homem ocupa o papel de autoridade, enquanto a mulher é colocada em posição de submissão, especialmente no âmbito familiar⁷. Essas assimetrias sustentam a transmissão transgeracional da violência, na qual vivências de agressão na infância influenciam comportamentos na vida adulta, tanto em vítimas quanto em agressores⁸.

Diante da complexidade e das múltiplas consequências da VD, é fundamental compreender os fatores que contribuem para a inserção e manutenção nesse ciclo⁹, considerando sobretudo a perspectiva das próprias mulheres. Assim, tendo em vista que os significados atribuídos a esse contexto são dinâmicos e podem ser modificados, a depender das interações e reflexões desenvolvidas ao longo da vida, o objetivo deste estudo foi apreender como mulheres em situação de violência percebem as implicações deste contexto em suas vidas.

MÉTODO

Estudo explicativo, de natureza qualitativa, que utilizou como referencial teórico metodológico o Interacionismo Simbólico (IS)¹⁰ e a Teoria Fundamentada nos Dados (TFD), vertente construtivista¹¹. O IS tem como pressuposto que o comportamento

humano é moldado a partir dos significados atribuídos às experiências e interações sociais. Assim, o agir individual é visto como produto de um processo contínuo de interpretação e resignificação de suas experiências, relações e objetos¹⁰. A TFD, por sua vez, tem como propósito gerar uma teoria substantiva a partir da análise comparativa de dados coletados com pessoas que possuem experiências relevantes sobre o fenômeno investigado¹¹. Os critérios do Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research – COREQ foram utilizados para guiar a elaboração do relatório de pesquisa.

Os dados foram coletados de forma remota, durante o ano de 2021, quando a coleta de dados de forma presencial, devido ao período pandêmico, ainda representava um desafio. As participantes foram mulheres com no mínimo 18 anos, que vivenciaram VD pelo ex-companheiro e com acesso à internet, independentemente da região de moradia. Não foram incluídas mulheres que ainda conviviam com o agressor, pela possibilidade de ele estar no domicílio devido ao período pandêmico, e as que vivenciaram violência episódica.

O primeiro contato para solicitação de participação no estudo foi via convite inserido em grupos de apoio a mulheres em situação de violência, hospedados na rede social Facebook®. As mulheres que manifestaram interesse em participar do estudo foram chamadas via bate-papo para uma conversa, na qual a pesquisadora explicou os objetivos da pesquisa, questões éticas, formas de participação e agendamento de dia e horário de preferência, e foi fornecido contato telefônico para contato via WhatsApp®.

A questão inicial que norteou as entrevistas foi: Como você significa suas relações familiares no contexto da VD vivenciada? Outras questões foram inseridas conforme o andamento das entrevistas, com duração média de 85 minutos. Elas foram gravadas após consentimento e transcritas na íntegra. Todas as entrevistas foram conduzidas pela mesma pesquisadora (enfermeira e doutoranda com experiência em coleta qualitativa), que não tinha qualquer tipo de relação com as participantes.

Considerando os princípios da TFD, as participantes integraram quatro grupos amostrais. O primeiro grupo amostral (GA) foi formado por sete mulheres que vivenciaram violência doméstica (VD) sem filhos com o agressor. A análise dos dados gerou novas hipóteses que levaram à formação do segundo GA, composto por seis mulheres com filhos do agressor. Os dados evidenciaram que os filhos ocuparam espaço essencial no contexto vivenciado, levando ao terceiro GA, formado por três filhas de mulheres vítimas, incluindo uma vítima de feminicídio, que, por estarem constantemente expostas à violência, apresentam marcas profundas semelhantes às das mães. Assim, o quarto GA foi composto por sete mulheres que, além de vivenciar VD na vida adulta, também sofreram violência na infância, possibilitando um aprofundamento dessa perspectiva.

Após a transcrição integral das entrevistas, realizou-se a codificação e categorização dos dados segundo a vertente construtivista da TFD, que compreende duas etapas hierárquicas: codificação inicial e codificação focalizada. Na codificação inicial, o pesquisador se familiariza com os dados em nível granular, codificando palavras, linhas ou segmentos para captar a realidade vivenciada pelos participantes. A codificação focalizada identifica os códigos mais significativos ou frequentes, agrupando-os para uma compreensão analítica mais aprofundada¹⁰. Durante a análise comparativa, foram elaborados memorandos e diagramas, que representam reflexões do pesquisador e contribuem para ilustrar ideias e códigos que auxiliam no desenvolvimento da teoria.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da instituição signatária (Parecer nº 4.426.287) e todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido de forma online. Para assegurar o anonimato, estão identificadas com nomes fictícios, seguidas pela indicação da idade.

RESULTADOS

As 23 participantes do estudo tinham entre 21 e 61 anos, sendo 13 católicas, nove evangélicas e uma espírita. Seis tinham ensino fundamental, nove ensino médio, seis ensino superior e duas sabiam apenas ler e escrever. Nenhuma das participantes permanecia com o autor da VD, sendo que três estavam em um novo relacionamento. A maioria tinha renda familiar inferior a dois salários mínimos, embora 16 exercessem atividade remunerada.

Da análise dos dados emergiram duas categorias que serão descritas a seguir.

Vivenciando as múltiplas expressões da violência doméstica

Lembranças das violências perpetradas por pais e companheiros, incluindo agressões físicas, psicológicas, controle sobre a vida e cerceamento da liberdade, foram resgatadas.

Era privada de tudo; não podia falar com ninguém, com a minha mãe, com meus filhos; ele não deixava ter rede social. Fiquei praticamente trancada dentro do caminhão; descia quando era extremamente necessário. Até xixi tinha que fazer lá dentro; era muita coisa, fora a agressão física. (Sonia, 31 anos)

Lá eu não tinha familiar nenhum, só ele, que se achava no direito de me prender em casa. Se falava que ia embora, ameaçava que mataria minha mãe e me mataria... rasgava meus documentos, não permitia que eu tivesse dinheiro nenhum para ser refém dele. (Ilair, 33 anos)

Os cavalos não usam aqueles negócios para olhar só para frente... quando estava com ele, tinha que fazer isso. Depois da agressão, sempre que me via toda ensanguentada, machucada, ele queria sexo. Achava que era normal e quase sempre forçava. Tinha vídeos meus, fotos, nudes, essas coisas, e acabou postando nos status dele; depois, ficou me ameaçando que, caso eu não voltasse, ia acabar com minha vida. (Gabrielle, 32 anos)

Dentro desta trama conflituosa, os agressores utilizavam linguagem degradante e ofensiva, comprometendo a imagem corporal e a autoestima, tornando-as cada vez mais dependentes.

O primeiro ponto foi destruir minha autoestima, depois se colocava como a única pessoa que me amava, aí me maltratava. Eles colocam na nossa cabeça que ninguém gosta da gente, que a família não ama, que os amigos abandonaram. Me humilhava como mulher o tempo todo e dizia que era o único capaz de estar ali comigo. (Vanuza, 47 anos)

Ele me fez, durante muito tempo, acreditar que eu realmente não era nada; perdi minha dignidade de mulher. (Gabrielle, 32 anos)

Elas vivem um processo de despersonalização, no qual o agressor busca subtrair a identidade e as características que fazem delas seres únicos. Assim, os trejeitos e modos próprios de ser vão sendo paulatinamente anulados.

Se alguém contasse uma piada e eu risse, era motivo de apanhar, tinha que ficar séria e ter cuidado com o que falava com ele, não podia fazer nada. (Gabrielle, 32 anos)

Eu não fazia mais nada do que EU queria, ele me anulou completamente, perdi a minha identidade, não sabia mais quem eu era, minha cor preferida, minha comida preferida. (Fatima, 32 anos)

Ele falava para sentar direito, até no banheiro... não podia cruzar as pernas. Tudo tinha que ser do jeito dele: tomar banho na hora que ele queria. (Veronice, 43 anos)

E algumas atribuem os comportamentos abusivos ao histórico de violência vivenciado na infância.

O pai dele era muito violento; batia na mãe dele... (Maria, 36 anos)

Ele nunca foi um homem carinhoso, sempre foi uma pessoa bruta, estúpida, herdou isso do pai, foi uma criança que sofreu muita violência também. O pai era agressivo, batia muito... chegava em casa alcoolizado. (Wanderleia, 39 anos)

Acho que foi pela criação que ele teve; foi criado num lar abusivo. O pai fazia isso; o avô tinha feito... Então achava que isto era certo. (Ilair, 33 anos)

As mulheres acreditam que a dificuldade em estabelecer relações saudáveis na vida adulta é decorrente da violência experienciada na infância – sentem necessidade de causar dor e sofrimento em outras pessoas.

Ele odiava a mãe e tentou matá-la várias vezes por tê-lo abandonado. Tem raiva das mulheres do mundo todo; quer se vingar. (Fátima, 32 anos)

O tanto que ele criticava a mãe por apanhar do pai, e reproduziu com as mulheres que passaram na vida dele. Além das violências físicas — têm marcas no corpo —, o pai botou para fora de casa e a mãe não impediu. Então, não tem amor por absolutamente ninguém. (Ilair, 33 anos)

O pai batia na mãe dele; ele foi fazendo a mesma coisa que o pai fazia. (Veronice, 43 anos)

As violências perpetradas por longos períodos tornam as mulheres mais vulneráveis e sem condições de enfrentamento, além de levar à dependência emocional e à culpabilização pelo contexto vivenciado, o que dificulta o abandono do ciclo violento.

Dói, é uma dor diferente. É como se eu me sentisse realmente culpada. Ele colocou na minha cabeça que eu era responsável por aquilo e acreditei. (Mariana, 42 anos)

Me sentia responsável por ele. Sabia que era uma dependência emocional. Me sentia mal quando estava perto, mas não conseguia sair da relação. Parece que a gente sente falta do sofrimento, de estar perto. (Ilair, 33 anos)

Fiquei doente emocionalmente, muita dependência. Chegou ao ponto de sentir culpa pelas coisas que ele fazia. Não tinha forças para dizer não. Me separava e voltava. (Gabrielle, 32 anos)

A forma como ele me tratava era de escravidão emocional. Fiquei totalmente escrava da situação, por vergonha, até por eu ser uma mulher inteligente e não conseguir sair da relação. É patológico, uma doença que te faz continuar na relação abusiva. (Vanuza, 47 anos)

Experimentar contextos de violência por longos períodos leva à reprodução de papéis, tanto de vítimas quanto de abusadores, por desaprender/desconhecer outras formas de relacionar-se com o outro.

Vivenciando os reflexos profundos, graves e permanentes do contexto de violência doméstica

Um cotidiano cercado de abusos em diferentes etapas da vida resulta na construção de significados enraizados no imaginário, com reflexos nas decisões sobre a vida.

Tentei muitas vezes não refletir o relacionamento do meu pai e da minha mãe no meu, mas não tinha nada de diferente, era igualzinho, até o jeito de falar, todas as coisas eram muito parecidas. Lembro que minha mãe sentava e calava, então achava que tinha que sentar e calar. (Aline, 23 anos)

Quando era criança, me sentia numa prisão, numa casa violenta. Me senti novamente, só que agora era adulta, podia sair, mas não conseguia. Então, acho que isso explica por que eu tolerava, já cresci no inferno, é um inferno repetido. (Maria, 36 anos)

O que vivi na vida adulta foi muito reflexo da minha infância, porque cresci em um lar violento, meu pai batia muito na minha mãe, quebrou todos os dentes dela. Eu falava que nunca ia permitir que um homem fizesse comigo, que nunca aceitaria o que minha mãe aceitava, e acabei me vendo em um relacionamento igual (Gabrielle, 32 anos)

A reprodução de um contexto já vivenciado leva à naturalização e a influências negativas. As mulheres de certo modo “desistem” de lutar e apenas sobrevivem.

O tempo foi passando e eu fui me acostumando a viver assim, a ser maltratada. Como vivenciei tudo que aconteceu no relacionamento da minha mãe, achava que todo mundo era assim, que aquilo era um modelo de relacionamento. (Gabrielle, 32 anos)

A gente se acostuma, se ele gritasse comigo, se desse pancada nas coisas, achava normal. (Claudia, 25 anos)

Eu estava aceitando, sabe? Quando ele me estuprava, não falava mais nada, não ligava, não tinha mais nem vontade de viver. Eu sobrevivia diante daquela situação, já não fazia mais questão das coisas. Nada mais fazia sentido. Eu vegetava, a verdade era essa. (Patrícia, 44 anos)

As repercussões não são apenas as cicatrizes no corpo físico; são também as marcas emocionais, que não podem ser facilmente apagadas.

Tenho crises de ansiedade muito profundas, de não conseguir respirar, de começar chorar, ficar com o coração muito acelerado. Choro, não quero ficar sozinha, não consigo dormir. Tenho depressão crônica, ansiedade generalizada e TOC. (Mariana, 42 anos)

Quando falo dele, meu corpo treme, não consigo pegar um copo com uma mão, porque metade do suco cai (Juliane, 42 anos)

Tomo remédio de ansiedade; quero parar a terapia, mas não sei se consigo. (Gabrielle, 32 anos)

É uma coisa dolorosa (choro, olhar parado). Dói. Até hoje, trato com psicólogo. A dor não é na carne, é na alma, por dentro e você não se perdoa. A violência significou

para mim a minha morte interna. (Elenice, 54 anos)

A falta de ânimo em relação à vida, a ausência de desejos, mágoas, dores e cicatrizes visíveis e invisíveis estão sempre presentes.

Pensava em me matar. Uma vez, tentei cortar meus pulsos, meu filho viu e falou “Mãe, se você morrer, eu também vou me matar”. Depois daquilo, vi que precisava de ajuda, me tratar, aí procurei um psiquiatra. (Gabrielle, 32 anos)

Vou te mostrar o tanto de remédio que tomo. Não foi fácil enfrentar a vida até hoje. Tentei suicídio várias vezes para sair do sofrimento. Estou aqui porque é a vontade de Deus. (Vilma, 55 anos)

Apesar do rompimento, o medo de uma possível aproximação do agressor é um sentimento latente que intensifica o sofrimento.

Tenho medo de morrer na mão dele, que ele venha de noite botar fogo na casa, mas nada pode comprar a felicidade que eu sinto por ter conseguido me afastar. (Vilma, 55 anos)

Morro de medo de ser mais uma estatística no feminicídio. É um medo que me ronda todos os dias, eu fico por hora tranquila, porque ele está detido, mas sei que mais dia menos dia ele estará aqui novamente, então isso acaba com o meu psicológico. (Wanderleia, 39 anos)

Os reflexos de uma vida permeada por violência em diferentes momentos, tanto para os perpetradores quanto para as mulheres vítimas, são vividos e reproduzidos em suas relações que, quando entrelaçadas, produzem mais sofrimento. Os companheiros reproduziram-se como agressores, e as mulheres, como vítimas das figuras masculinas representadas antes pelos pais e, posteriormente, pelo marido.

DISCUSSÃO

As mulheres deste estudo relataram a vivência de múltiplas formas de violência — física, psicológica, sexual, patrimonial e social — que impactaram profundamente sua autoestima, identidade e percepção de si mesmas, tornando-as inseguras, dependentes e desvalorizadas. Essas experiências, mediadas pelas interações cotidianas e pelos significados atribuídos ao papel feminino internalizados pelo machismo, expressos pelo controle dos companheiros, contribuíram para a naturalização da violência, reforçando padrões de submissão e dominância aprendidos desde a infância.

À luz do IS, compreende-se que esses significados não são fixos, mas construídos nas interações sociais e reforçados pelos símbolos e práticas cotidianas. Assim, a violência é interpretada pelas mulheres não apenas como um evento isolado, mas como parte de um repertório de sentidos que orienta seus comportamentos e expectativas nos relacionamentos.

A desigualdade de gênero demonstra ser um fator determinante no comportamento tanto das mulheres quanto de seus parceiros. Enquanto as mulheres foram socializadas para a submissão, os agressores, de forma geral, reproduziram padrões de dominação aprendidos nas famílias de origem, o que se conecta à construção social de gênero. Nesse sentido, os símbolos e práticas transmitidos nos contextos de interação consolidam expectativas e significados de gênero que orientam comportamentos e, ao mesmo tempo, impõem papéis distintos para homens e mulheres¹¹. A transmissão

intergeracional da violência, por meio da modelagem comportamental, reforça a repetição de padrões familiares, nos quais as crianças aprendem a lidar com conflitos ao observar os comportamentos dos adultos¹²⁻¹³.

As mulheres relatam padrões repetitivos de violência nas atitudes de seus parceiros e pais, além de reconhecerem que certos comportamentos maternos antes rejeitados são incorporados como formas de autoproteção. Esses comportamentos refletem a maneira como as mulheres interpretam e atribuem sentido às experiências de violência, ressignificando-as como estratégias de sobrevivência, o que evidencia como os significados são continuamente negociados no cotidiano e moldam as ações individuais.

Após abusos prolongados, muitas mulheres passam a tolerar agressões como parte natural do relacionamento, o que reforça o caráter intergeracional da violência e os obstáculos para romper esse ciclo¹². Essa visão reduz o empoderamento e perpetua o ciclo de violência. De maneira semelhante, filhos de pais violentos tendem a reproduzir comportamentos abusivos em seus próprios relacionamentos¹².

Pesquisa realizada em São Paulo revelou que mulheres que tentavam escapar da violência familiar por meio de novos relacionamentos frequentemente acabavam se envolvendo com parceiros que reproduziam padrões agressivos semelhantes aos vivenciados na infância. Ao perceberem essa repetição, muitas reconheceram que suas escolhas estavam condicionadas por experiências familiares que moldaram suas expectativas afetivas¹⁴.

Infâncias marcadas por agressões, negligência e violência conjugal reforçam a internalização de papéis de gênero desiguais, onde o homem ocupa uma posição de autoridade e a mulher assume a responsabilidade pelos cuidados domésticos¹⁵. Nesse contexto, meninos aprendem a naturalizar essa divisão, consolidando a centralidade masculina na esfera pública. Mulheres que vivenciaram VD na infância, apesar do desejo de romper com esse passado, muitas vezes acabam se envolvendo em relacionamentos ainda mais violentos, frustrando a expectativa de construir uma família idealizada e tornando-a nova fonte de sofrimento¹⁶⁻¹⁷. Isto ocorre porque o modo como as crianças interpretam e atribuem sentido às interações violentas tende a estruturar sua visão de mundo e suas práticas futuras, sustentando o ciclo.

A VD repercute não apenas na vida da mulher, mas também nos filhos e demais familiares, gerando consequências emocionais e sociais. Estudo de revisão sistemática revelou que crianças expostas à VD podem desenvolver problemas psicológicos e comportamentais, como queda no desempenho escolar, dificuldades sociais, sintomas de depressão, transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) e redução do QI¹⁸. Além disso, sentimentos como medo, insegurança e tristeza são comuns entre os filhos, impactando sua autoestima, confiança e aprendizado. Essas experiências não só perpetuam desigualdades sociais desde a infância, mas também ultrapassam os limites do ambiente familiar, atingindo a esfera coletiva e afetando as gerações futuras¹⁹.

No entanto, embora haja avanços legais importantes frente a VD, como a Lei Maria da Penha em 2006² e a Política Nacional de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres em 2011²⁰, a efetividade das políticas públicas ainda é limitada por falhas institucionais e barreiras culturais. Essa política, mediante a integração dos setores da saúde, justiça, segurança e trabalho, busca garantir os direitos das mulheres e a responsabilização dos agressores, de maneira complementar à Lei Maria da Penha e tendo como foco a prevenção e o combate à VD, além de proteção e assistência às mulheres. Contudo, a mera existência das leis não basta para romper o ciclo da violência; é preciso investir

em estratégias eficazes, como capacitação profissional, celeridade nos processos e mudanças socioculturais que garantam atendimento integral à mulher e sua família²¹⁻²².

Assim, ainda que a legislação represente uma conquista, sua efetividade depende de práticas intersetoriais e, pensando no setor da saúde, da atuação dos profissionais, que precisam não só atender às consequências da violência, mas também promover ações preventivas, identificar riscos e oferecer suporte integral e humanizado²⁰. Orientações internacionais, como o guia RESPECT Women, por exemplo, propõem ações a partir de sete eixos fundamentais: fortalecimento de habilidades relacionais, empoderamento feminino, garantia de serviços, redução da pobreza, criação de ambientes seguros, prevenção da violência contra crianças e adolescentes e transformação de normas de gênero²³.

Destarte, o setor da saúde é estratégico, porém desafiador. Pesquisa qualitativa realizada no Nordeste, evidenciou que a ausência de acolhimento e empatia dificulta o atendimento, enquanto a escuta humanizada e a articulação entre serviços fortalecem as mulheres e as incentivam a romper com a violência²⁴.

As interações profissionais e os significados atribuídos à violência influenciam diretamente a qualidade do cuidado prestado. Profissionais de saúde, quando devidamente capacitados, tornam-se peças-chave para a identificação de situações de VD, além de representarem para as mulheres um espaço de apoio e cuidado, sobretudo quando realizam encaminhamentos e orientações relativas a serviços de atenção especializados. Além disso, a Atenção Primária em Saúde (APS) pode ser estratégica para a criação e desenvolvimento de ações para enfrentamento e combate à VD²⁵.

Contudo, estudo de revisão que buscou analisar como profissionais de saúde têm se qualificado para atuar na prevenção e no enfrentamento da violência contra a mulher no Brasil, concluiu que a formação tanto na graduação quanto em serviço é insuficiente, ficando o preparo profissional na dependência de iniciativas isoladas, visto que esta temática não é foco de discussão nas reuniões de equipe ou capacitações de educação continuada²⁶. A ausência de qualificação profissional limita a atuação do setor da saúde como dispositivo importante da rede de enfrentamento deste tipo de violência. Isto porque compromete a detecção dos casos, o atendimento e os encaminhamentos das mulheres em situação de violência para os demais serviços quem compõem essa rede²⁶.

A promoção da autonomia feminina deve ir além do atendimento imediato, alcançando dimensões educativas e socioculturais mais amplas. Esse processo começa na infância, no ambiente familiar e educacional, por meio de uma socialização que estimula a compreensão crítica dos papéis de gênero, desempenhando um papel fundamental na desconstrução das desigualdades²⁷. No entanto, esse tipo de socialização não esteve presente na vivência das mulheres deste estudo, que relataram experiências precoces de machismo, subordinação, desproteção e violência.

Tais vivências deixam marcas profundas na saúde mental, como baixa autoestima, ansiedade, depressão, transtornos pós-traumáticos e tentativas de suicídio, evidenciando a necessidade de investimento em cuidado integral e capacitação multiprofissional, incluindo o agressor²⁸⁻²⁹. O enfrentamento da VD exige estratégias articuladas entre os serviços de saúde, justiça, segurança pública e assistência social, além de incluir a temática nos currículos escolares, para desconstruir a naturalização da violência e desigualdade de gênero^{21,28}.

Como possíveis limitações do estudo, apontamos a impossibilidade de comparação entre os gêneros, uma vez que foi realizado somente com mulheres. Ainda assim, seus

achados oferecem suporte para futuras intervenções e para o debate da temática, principalmente no cenário brasileiro.

O IS possibilitou compreender que a VD não se limita ao ato em si, mas é atravessada por símbolos, linguagens e significados atribuídos às relações, que sustentam ou desafiam os papéis sociais de gênero. A análise do fenômeno a partir dessa lente evidencia como as interações moldam tanto a naturalização da violência quanto as possibilidades de ruptura do ciclo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo contribui para a compreensão das subjetividades que envolvem o contexto da VD, evidenciando como as mulheres, a partir de suas memórias familiares, histórias de vida e inserção social, apreendem, percebem e ressignificam esse fenômeno ao longo do tempo. Conhecer essas concepções permite analisar como a VD se naturaliza, com base nas experiências vividas e compartilhadas pelas mulheres em diversos momentos e espaços, que produzem e ressignificam os significados desse contexto.

As mulheres deste estudo se desenvolveram em um ambiente familiar machista e opressor e, sem conhecer outras relações que não a submissão, a rejeição e a violência, foram inseridas em novos contextos abusivos, em que predominava o controle masculino sobre elas. Assim, as implicações de vivenciar o contexto de VD para elas envolveram um processo de anulação de suas identidades e experiências, além da reprodução do ciclo de violência observado na família de origem. Apesar de conseguirem abandonar o cenário da violência, vivem, dia após dia, as repercussões deste contexto, expressas pelos sentimentos de medo, angústia, além de doenças de cunho físico e mental.

A partir da perspectiva de quem vivenciou esse contexto, é possível aos profissionais de saúde, educadores e formuladores de políticas públicas refletir sobre possíveis estratégias para romper com a naturalização da opressão feminina e com as desigualdades de gênero, além de pensar em ações de prevenção e promoção da saúde das mulheres e suas famílias. Além disso, ressalta-se a necessidade de que os profissionais da área da saúde sejam sensibilizados sobre a violência e seus contextos desde a graduação.

REFERÊNCIAS

1. Brum RR, Pereira CS, Rodrigues DC, Santos FF. Transgeracionalidade e violência: um estudo com mulheres vítimas de relações conjugais violentas. *Psicol Pesqui* [Internet]. 2021 [cited 2025 Aug 12];15:1-28. Available from: <https://doi.org/10.34019/1982-1247.2021.v15.31206>
2. Brasil. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher[...] *Diário Oficial da União, Brasília (DF)*. 2006. [cited 2025 Sept 25];143(151):1-4 Available from: <https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/6554?mode=full>
- 3 Wang Y, Fu Y, Ghazi P, Gao Q, Tian T, Kong F, et al. Prevalence of intimate partner violence against infertile women in low-income and middle-income countries: a systematic review and meta-analysis. *Lancet Glob Health* [Internet]. 2022 [cited 2025 Aug 12];10(6):e820-e830. Available from: [https://doi.org/10.1016/S2214-109X\(22\)00098-5](https://doi.org/10.1016/S2214-109X(22)00098-5)
4. Nações Unidas Brasil. (OMS). OMS: uma em cada 3 mulheres em todo o mundo sofre violência. OMS [Internet]. 2021 Mar 10 [cited 2025 Aug 12];Notícias:[about 6 screens]. Available from: <https://brasil.un.org/pt-br/115652-oms-uma-em-cada-3-mulheres-em-todo-o-mundo-sofre-viol%C3%Aancia>

5. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil [Internet]. 4. ed. São Paulo: FBSP; 2023.
6. de Vasconcelos NM, de Andrade FMD, Gomes CS, Pinto IV, Malta DC. Prevalence and factors associated with intimate partner violence against adult women in Brazil: national survey of health, 2019. Rev Bras Epidemiol [Internet]. 2021 [cited 2025 Aug 13];24(Suppl 2):e210020. Available from: <https://doi.org/10.1590/1980-549720210020.supl.2>
7. Viana DS, Costa MSM. A cultura do patriarcado no Brasil: da violência doméstica ao feminicídio. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação [Internet]. 2024 [cited 2025 Aug 13];10(5):2829-47. Available from: <https://doi.org/10.51891/rease.v10i5.13935>
8. Pinto MLC, Siqueira BMA, Saraiva DB, de Souza JC, de Melo MCB, Garcia MN. Um estudo sobre os possíveis aspectos associados à violência nos relacionamentos amorosos. Rev. Psicol., Divers. Saúde [Internet]. 2025 [cited 2025 Aug 17];14:e5899. Available from: <http://dx.doi.org/10.17267/2317-3394rpsds.2025.e5899>
9. Lima CCOJ, Martins RD, Gomes NP, da Cruz MA, Gomes NR, da Silva KKA, et al. Intrafamily violence witnessed and experienced by school adolescents. Cogitare Enferm [Internet]. 2022 [cited 2025 Aug 14];27:e87295. Available from: <https://doi.org/10.5380/ce.v27i0.87295>
10. Furlanetti MRR, de Barros NF. A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa. Cien Saude Colet [Internet]. 2013 [cited 2025 Aug 14];18(1):283-4. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-81232013000100029>
11. Blumer H. Symbolic interactionism: perspective and method. Englewood Cliffs (NJ): Prentice Hall; 1969. 208 p.
12. Alves-Silva JD, Scorsolini-Comin F. Transmissão transgeracional de padrões conjugais e familiares: implicações para o cuidado em saúde. Nova Perspect Sist [Internet]. 2021 [cited 2025 Aug 14];30(70):77-92. Available from: <https://doi.org/10.38034/nps.v30i70.570>
13. Cortes LF, Arboit J, Gehlen RGS, Tassinari TT, Vieira LB, Padoin SMM, et al. Protection of women in situations of violence in the context of the covid-19 pandemic. Ciênc Cuid Saúde [Internet]. 2020 [cited 2022 Sep 11]; 19:e54847. Available from: <https://doi.org/10.4025/ciencuidsaude.v19i0.54847>
14. Machado DF, Castanheira ERL, de Almeida MAS. Interseções entre socialização de gênero e violência contra a mulher por parceiro íntimo. Ciênc Saúde Coletiva [Internet]. 2021 [cited 2025 Aug 14];26: 26 (suppl 3):5003-12. Available from: <https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.02472020>
15. Liveri K, Dagla M, Sarantaki A, Orovou E, Antoniou E. Abuse of girls during childhood and its impacts on the health of their adult lives: a systematic review. Cureus [Internet]. 2023 [cited 2025 Aug 14];15(2):e34981. Available from: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36938260/>
16. de Magalhães JRF, Gomes NP, Estrela FM, da Silva AF, Carvalho MRS, Pereira Á, et al. Meanings of family dynamics by men who reproduced domestic violence . Acta Paul Enferm [Internet]. 2021 [cited 2025 Aug 14];34:eAPE00803. Available from: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2021AO00803>
17. Batista VC, Barreto MS, Gomes NP, Prado E, Padoin SMM, de Godoy FJ, et al. Unveiling family relationships based on the context of domestic violence: a Grounded Theory. Rev Esc Enferm USP [Internet]. 2023[cited 2025 Aug 19];57:e20230009. Available from: <https://doi.org/10.1590/1980-220X-REEUSP-2023-0009en>
18. Doroudchi A, Zarenezhad M, Hosseininezhad H, Malekpour A, Ehsaei Z, Kaboodkhani R, et al. Psychological complications of the children exposed to domestic violence: a systematic review. Egypt J Forensic Sci [Internet]. 2023 [cited 2025 Aug 19];13:26. Available from: <https://doi.org/10.1186/s41935-023-00343-4>
19. Santos JDFL, Gomes NP, da Cruz MA, Whitaker MCO, Mauricio MDALLD, da Silva KKA, et al. Psychological repercussions on children and adolescents after paternal estrangement due to conjugal violence: maternal narratives. Texto Contexto Enferm [Internet]. 2023 [cited 2025 Aug 14];32:e20220343. Available from: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2022-0343en>

20. Secretaria de Políticas para as Mulheres Presidência da República. Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as mulheres. Brasília: Secretaria Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres, 2011.
21. Barros EBS, Oliveira LL. Public policies for the protection of women victims of domestic violence: a victimological and criminal analysis under the brazilian reality. *Lumen Virtus* [Internet]. 2025 [cited 2025 Aug 16];16(47):4369–83. Available from: <https://doi.org/10.56238/levv16n47-103>
22. da Silva HB, Pinheiro CC, Valintim JEA, Félix JEN, de Lavor Filho TL. Impactos psicossociais da violência doméstica em crianças. *Revista Encontros Científicos UniVS* [Internet]. 2023 [cited 2025 Aug 16];5(1):23-25. Available from: <https://rec.univs.edu.br/index.php/rec/article/view/241>
23. World Health Organization (WHO). Violence against women. [Internet]. Geneva: WHO; 2024 Mar 25 [cited 2025 Aug 19]; [about 8 screens]. Available from: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/violence-against-women>
24. Vilar LM, dos Santos SMP, Batista MLP, Silva JEL, Mariz SR, Noronha JAF. Violence Against women: possibilities and difficulties in the care network. *Rev Enferm Atenção Saúde* [Internet]. 2025 [cited 2025 Aug 17];14(1):e202570. Available from: <https://doi.org/10.18554/reas.v14i1.8163>
25. Duarte APC, Costa MC, Viana GM, Abreu HFF, dos Reis PSP, Araújo AKL, et al. Violência doméstica contra a mulher: percepções da equipe de enfermagem. *Enferm Foco* [Internet]. 2024 [cited 2025 Aug 19];15:e-2024100. Available from: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2024.v15.e-2024100>
26. de Oliveira JC, Pires KA, Evangelista JG, dos Santos AP, Bevilacqua PD. Educational processes to combat violence against women in the health sector: an integrative review. *Cien Saude Colet* [Internet]. 2024 [cited 2025 Sep 02];29(9):e14782023. Available from: <https://doi.org/10.1590/1413-81232024299.14782023>
27. Gibim APPG, Müller F. O que crianças pensam sobre família e relações de gênero? Zero-a-Seis [Internet]. 2018 [cited 2025 Sep 08];20(37):76–94. Available from: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2018v20n37p76>
28. de Oliveira ALX, de Abreu LDP. Domestic violence: a study with women attended at the psychosocial care center. *Cadernos ESP* [Internet]. 2022 [cited 2025 Aug 15];16(1):18-26. Available from: <https://doi.org/10.54620/cadesp.v16i1.543>
29. Batista VC, Marcon SS, de Arruda GO, Teston EF, Monteschio LVC, Godoy FJ, et al. Factors associated with conjugal violence practices in convicted women. *Acta Paul Enferm* [Internet]. 2020 [cited 2022 Jun 27];33:eAPE20190150. Available from: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2020AR01505>

The intertwining of the present and the past: accounts of women about violence***ABSTRACT**

Objective: To understand how women in situations of violence perceive the implications of this context in their lives. **Method:** Qualitative research that used Symbolic Interactionism and Grounded Theory as its theoretical-methodological framework, with a constructivist approach. Data were collected between March and November 2021, through interviews with 23 women located in groups on the social network Facebook®. **Results:** The results show the multiple expressions of domestic violence (physical, psychological assaults, restriction of freedom) and the repetition of behavioral patterns already experienced in childhood, which often justify violent practices in adulthood. **Final Considerations:** For many women, living in a context of domestic violence by a partner is a reproduction of what they have already experienced in their family of origin. Although they have managed to escape the cycle of violence, victims experience, day after day, the repercussions of this experience, expressed through feelings of fear, anguish, as well as physical and mental health issues. **DESCRIPTORS:** Grounded Theory; Life Change Events; Domestic Violence; Family Relations; Women's Health.

El entrelazado entre el presente y el pasado: relatos de mujeres sobre violencia***RESUMEN**

Objetivo: Aprender cómo las mujeres en situación de violencia perciben las implicaciones de este contexto en sus vidas. **Método:** Investigación cualitativa que utilizó como referente teórico-metodológico el Interaccionismo Simbólico y la Teoría Fundamentada en los Datos, vertiente constructivista. Los datos fueron recolectados entre marzo y noviembre de 2021, mediante entrevistas con 23 mujeres ubicadas en grupos en la red social Facebook®. **Resultados:** Los resultados muestran las múltiples expresiones de la violencia doméstica (agresiones físicas, psicológicas, restricción de la libertad) y la repetición de patrones de comportamiento ya experimentados en la infancia, que muchas veces justifican prácticas violentas en la vida adulta. **Consideraciones Finales:** Para muchas mujeres, vivir en un contexto de violencia doméstica por parte de la pareja es una reproducción de lo que ya experimentaron en la familia de origen. A pesar de haber logrado salir del ciclo de la violencia, las víctimas viven, día tras día, las repercusiones de esta experiencia, expresadas por sentimientos de miedo, angustia, además de enfermedades de carácter físico y mental.

DESCRIPTORES: Teoría Fundamentada; Acontecimientos que Cambian la Vida; Violencia Doméstica; Relaciones Familiares; Salud de la Mujer.

*Artigo extraído da tese de doutorado: "Significados atribuídos às relações familiares por mulheres em situação de violência doméstica", Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, Brasil, 2022.

Recebido em: 25/08/2025

Aprovado em: 29/09/2025

Editor associado: Dra. Luciana de Alcantara Nogueira

Autor Correspondente:

Sonia Silva Marcon

Universidade Estadual de Maringá

Avenida Colombo, 5790- Zona 7, Maringá, PR.

E-mail: soniasilva.marcon@gmail.com

Contribuição dos autores:

Contribuições substanciais para a concepção ou desenho do estudo; ou a aquisição, análise ou interpretação de dados do estudo -

Marcon SS. Elaboração e revisão crítica do conteúdo intelectual do estudo - **Marcon SS.** Responsável por todos os aspectos do estudo, assegurando as questões de precisão ou integridade de qualquer parte do estudo - **Marcon SS.** Atualização de conteúdo - **Balestre ME, da Silva MEP, Logullo VV, Izepato AFS, da Costa RF, Mantovani EB.** Todos os autores aprovaram a versão final do texto.

Conflitos de interesses:

Os autores declaram não haver conflitos de interesse a serem divulgados.

Disponibilidade de dados:

Os autores declaram que os dados podem ser disponibilizados mediante solicitação ao autor correspondente.

ISSN 2176-9133



Este obra está licenciada com uma [Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).